

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15275 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT25 – Educação e Povos Indígenas

SENTIDOS DA ESCOLARIZAÇÃO NA ALDEIA: UMA COMPREENSÃO A PARTIR DE VOZES MÊBÊNGÔKRE

Dilma Costa Ferreira - UFT-PPPGE - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Idemar Vizolli - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

SENTIDOS DA ESCOLARIZAÇÃO NA ALDEIA: UMA COMPREENSÃO A PARTIR DE VOZES MÊBÊNGÔKRE

Resumo: este estudo resulta de pesquisa de tese em andamento, na qual tematizamos os sentidos da escolarização atribuídos por indígenas Mêbêngôkre em Kôkraxmôro, cujo objetivo é *compreender sentidos atribuídos à escolarização na aldeia a partir de vozes Mêbêngôkre*. Esse caminho consistiu em duas etapas: um estudo bibliográfico, que possibilitou compreendermos os trajetos metodológicos e epistemológicos trilhados na investigação; a segunda é caracterizada pela incursão em campo, orientada por uma *abordagem qualitativa*, seguindo os princípios do *estudo de caso*, tendo como inspiração teórica a fenomenologia. Como instrumentos de produção de dados dispomos da observação participante, anotações em diário de campo e entrevistas. Os dados foram analisados com base nos princípios da *Análise Textual Discursiva* (ATD), que possibilitou uma interpretação rigorosa e qualitativa dos fenômenos. Dessa forma, o estudo nos possibilitou compreendermos que os sentidos atribuídos à escolarização pelos Mêbêngôkre, se apresentam no cenário pós contato com a sociedade envolvente e se modificam a depender das necessidades do grupo, em tempos e espaços distintos, todavia prevalece *a luta coletiva pelo ser e bem viver*, cujas ferramentas podem ser adquiridas na escola, o lugar em que se aprende os conhecimentos do *kubê*. Assim, é urgente pensar a educação escolar indígena a partir desses sentidos.

Palavras-chave: Povo Mêbêngôkre, Sentidos da escolarização, Educação escolar indígena, Luta coletiva, Fenomenologia.

Mediante a urgência em se discutir a educação escolar indígena no Brasil, pensada com/pelos povos indígenas, consideradas as particularidades de cada povo e a universalidade que os circunda, bem como a necessidade de que suas vozes possam ser ecoadas em todo o processo escolar, o estudo tematiza os sentidos da escolarização atribuídos por indígenas Mêbêngôkre em Kôkraxmôro, uma aldeia situada no município de São Félix do Xingu-PA, na Amazônia Legal Brasileira. Assim, a pergunta que nos move é: *que sentidos pessoas indígenas Mêbêngôkre atribuem à escolarização em Kôkraxmôro?* Estabelecemos como *objetivo geral: compreender sentidos atribuídos à escolarização a partir de vozes Mêbêngôkre na aldeia Kôkraxmôro*; e três objetivos específicos: *conhecer o processo de escolarização Mêbêngôkre na aldeia Kôkraxmôro; identificar práticas educativas que se voltam para o aprender na educação Mêbêngôkre; e desvelar sentidos atribuídos à escolarização a partir de vozes Mêbêngôkre em Kôkraxmôro.*

Caminhamos em duas etapas: a primeira consistiu em estudo bibliográfico, que possibilitou compreendermos os trajetos metodológicos e epistemológicos trilhados na investigação, bem como situarmos o campo de pesquisa. A segunda é caracterizada pela incursão em campo, orientada por uma *abordagem qualitativa*, seguindo os princípios do *estudo de caso*, enquanto modalidade de pesquisa, em que se busca o entendimento de fenômenos sociais complexos (Yin, 2015). Com delineamento descritivo e interpretativo, elegemos como inspiração teórica a fenomenologia e, como instrumentos de produção de dados, a observação participante, diário de campo e entrevistas.

A organização e interpretação dos dados pautou nos princípios da *Análise Textual Discursiva*, que implica em seguir alguns passos essenciais: a unitarização, a categorização e produção de metatextos (Moraes, Galiazzi, 2016). Tais etapas foram necessárias para uma interpretação rigorosa e qualitativa dos fenômenos, assentada na *Fenomenologia*, sobretudo nos estudos do filósofo Maurice Merleau-Ponty (2014, 2018), o qual compreende que é através do corpo, um corpo cultural, que habitamos, percebemos, sentimos e nos manifestamos no mundo. A atitude fenomenológica nessa perspectiva, implica em abertura para diferentes possibilidades.

O estudo nos possibilitou compreender que os sentidos atribuídos à escolarização se apresentam no cenário pós contato com a sociedade envolvente e se modificam a depender das necessidades do grupo, em tempos e espaços distintos. Todavia há um elo que os une: *a luta coletiva pelo ser e bem viver Mëbêngôkre*, cujas ferramentas de batalha podem ser adquiridas na escola, considerada o lugar em que se aprende os conhecimentos do *kubê*, não para se tornarem outros, mas possibilitar a luta e resistência contra a opressão e preconceitos advindos da ação desse outro. Assim, é urgente pensar a educação escolar indígena a partir desses sentidos. E, embora seja essa instituição um aparato de dominação do Estado, é preciso domá-la para que sirva aos povos indígenas, aos anseios, necessidades e expectativas individuais e coletivas que depositam na escola, de modo a reverberar os sentidos que atribuem a escolarização. Um sonho que se mantém resistente, podendo ser concretizado mediante gestão efetiva dos processos escolares pelos indígenas, garantindo-lhes o protagonismo, um direito preconizado pela legislação brasileira.

Isso posto, consideramos que a partir da convivência com a sociedade envolvente, os Mëbêngôkre sentem a necessidade de *aprender os códigos de comunicação não indígenas*, as formas de *atividades laborais* e o *conhecimento do "papel"*, que culminam para a luta em prol do ser, do direito a diferença, do fazer e bem viver indígena arraigado no território, sem o qual se torna impossível a vida, porém, os Mëbêngôkre em Kôkraxmôro ainda não assumiram a escola como uma instituição indígena e a veem como o *local em que se aprende os conhecimentos*

não indígenas com os brancos. Contudo, uma das condições necessárias para a verdadeira autonomia da escola indígena passa pela formação de professores indígenas, quando estes se apropriam dos processos pedagógicos e administrativos. Sem a efetiva participação indígena, o Estado nunca conseguirá criar leis para as especificidades, na melhor das hipóteses, criam leis que os homogeneízam, uma vez que não compreendem o viver, o ser e os tempos de aprender dos povos originários em suas especificidades e diversidades.

A partir deste estudo compreendemos que os sentidos atribuídos à escolarização na aldeia estão alicerçados nos modos de ser e fazer Mëbêngôkre, transitam pelas gerações, quando no passado sentiam a necessidade de aprender a língua, a matemática e a cultura da sociedade envolvente, para estabelecerem relações socioeconômicas e comerciais. No presente, além da necessidade posta, os sentidos envolvem a qualificação para exercerem atividades laborais e a compreensão dos aparatos jurídicos que regem os povos indígenas, possibilitando profícua representação em espaços não indígenas, além de inclinação para a aprendizagem da escrita da língua nativa como forma de afirmação identitária. Contudo, esses sentidos acompanham os Mëbêngôkre em todos os tempos e se forjam na luta, resistência e resiliência dos povos originários pelo ser e bem viver no território e fora dele.

REFERÊNCIAS

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Trad. José Arthur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 3. Ed. Ver. E ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016. (Coleção educação em ciências). *Ebook*.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Cristhian Matheus Herrera. – 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.